

## **Variação lexical: um olhar para a formação cultural do falante**

## **Variación léxica: una mirada a la formación cultural del hablante**

**Jéssyca Finantes do Carmo Bózio<sup>1</sup>**

**Sanimar Busse<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O Oeste paranaense, última área do Estado do Paraná a ser colonizada, teve na sua história a presença de grupos distintos que povoaram as localidades em diferentes momentos e, por isso, esta região pode ser descrita pelo seu polimorfismo linguístico. Esses distintos momentos do povoamento da região culminaram, de acordo com Busse (2010), na transferência, na troca e na adoção de elementos da cultura e também da língua dos diferentes grupos que aqui se reuniram. A investigação sobre as variantes lexicais podem fornecer uma percepção do percurso da história das variantes lexicais selecionadas, buscando definir quais as variantes trazidas pelos grupos de origem e quais as variantes trazidas pelos grupos que migraram para essa região recentemente encontram-se mais preservadas, considerando que as variantes trazidas pelos primeiros migrantes (sulistas) são as mais prestigiadas e aquelas trazidas pelos migrantes mais recentes (paulistas e mineiros) são as formas menos prestigiadas (inovadoras) da língua e assim, por meio da descrição das variantes semântico-lexicais, identificaremos qual a geração, a faixa etária e o sexo do grupo que preserva as formas dos grupos de origem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variantes Lexicais; Manutenção e Inovação Linguística; Sociolinguística.

**RESUMÉN:** El Oeste paranaense, última área del Estado de Paraná a ser colonizada, tuvo en su historia la presencia de grupos distintos que poblaron las localidades en diferentes momentos y, por eso, esta región puede ser descrita por su polimorfismo lingüístico. Esos distintos momentos del poblamiento de la región culminaron, en consonancia con Busse (2010), en la transferencia, en el cambio y en la adopción de elementos de la cultura y de la lengua de los distintos grupos que aquí se reunieron. La investigación sobre las variantes lexicales pueden fornecer una percepción del camino de la historia de las variantes lexicales seleccionadas, y ayudar a definir cuales las variantes presentadas por los grupos de origen y cuales las variantes presentadas por los grupos que emigraron a esta región, más recientemente, se conservan, considerando que

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel. E-mail: jessycabozio@gmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras - Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste - Campus de Cascavel. E-mail: sani\_mar@hotmail.com

las variaciones presentadas por los primeros migrantes (sureños) son las más prestigiosas y aquellas traídas por los inmigrantes más recientes (paulistas y mineiros) son formas menos prestigiosas (innovadoras) de la lengua y así, a través de la descripción de léxico-semánticos variantes, identificaremos cual la generación, la edad y el sexo que conserva las formas de los grupos de origen.

**PALABRAS-CLAVE:** Variantes Lexicales; Mantenimiento y Innovación Lingüística; Sociolingüística.

### Considerações iniciais

As formas linguísticas selecionadas para o presente estudo referem-se às variações lexicais para: *rio pequeno* (córrego, riacho, sanga, riacho); *fruta parecida com a laranja, que se destaca com a mão* (bergamota, mexerica, tangerina, poncã); *bolinha de vidro* (bolita, bolinha de gude, burca, bolica); *brinquedo feito com uma forquilha e borracha* (estilingue, bodoque, setra, funda) e *pessoa que tem o mesmo nome que a gente* (xará e tocaio), assim escolhidas pelo fato de estarem presentes nos dois Atlas Linguísticos e no Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná e apresentarem um percurso de instauração bem delineados na região.

Neste sentido, os objetivos para esta pesquisa são:

1) estudar as variantes lexicais citadas anteriormente, traçando o percurso das formas pela região Oeste a partir de atlas linguísticos e estudos geossociolinguísticos, comparando com dados do Paraná e da Região Sul:

- Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994);
- Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011);
- Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010).

2) investigar e descrever o registro das formas pelos dicionários selecionados:

- *Vocabulario Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico* (BLUTEAU, 1728);
- *Diccionario da Lingua Portuguesa* (SILVA, 1789);
- *Diccionario Da Lingua Brasileira* (PINTO, 1832);
- *Dicionário Sociolinguístico Paranaense* (FILIPACK, 2002);
- *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (AURÉLIO, 2004);
- *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007);

- *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (NUNES, 2010).

3) identificar e avaliar a atuação dos fatores que condicionam sobre os processos de manutenção e inovação linguística das variantes lexicais selecionadas.

Dentre os muitos fatores que atuam sobre a fala e suas manifestações, a história da formação das localidades, a convivência e a distribuição dos grupos no espaço e a própria organização da sociedade são determinantes para a manutenção, difusão e adoção das variantes linguísticas.

O Brasil, em especial, destaca-se pelas regiões culturais que resultam do processo de ocupação dos diferentes grupos étnico-culturais e das relações que se estabeleceram entre os homens e o meio, criando ambientes de um quadro cultural específico. Diégues Júnior (1960) sintetiza como se desenvolveu, no Brasil, o processo cultural:

o substrato cultural e humano, de início, é o mesmo em Portugal e no Brasil, depois vai se verificando uma adaptação às diferentes condições do ambiente material e humano (índios e negros) e, posteriormente, com o tempo, as aculturações vão sendo cada vez maiores, com culturas exóticas, com outras culturas europeias e finalmente asiáticas; o que contribuiu, através dessas transformações, para dar uma nova realidade à cultura brasileira. (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 5).

Essa realidade não se dissocia e nem poderia se dissociar, ainda conforme o autor, da área cultural luso-cristã a que pertence, pois o português não foi apenas “colonizador, comerciante ou aventureiro” (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 4), mas também um difusor de valores, um veículo de intercomunicação capaz de se integrar em cada meio, com cada povo. Essa capacidade de adaptação e não só de acomodação foi transmitida aos frutos da sua miscigenação com o índio, com o negro, ou com o branco, dando expressão original ao Brasil e, em particular, ao brasileiro.

Os diferentes modos de vida tornaram possível o equilíbrio do desenvolvimento, ou seja, “a unidade pela diversidade” (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 6) e evidenciaram que a nossa formação cultural não é o produto da soma de elementos diversos, mas sim da integração desses elementos, que surgiam naturalmente e, embora, às vezes, diferentes, sempre relacionados entre si pelo laço comum que lhes deram uma base comum – a língua portuguesa.

Desde o século XIX, quando começaram a surgir estudos pontuais sobre o léxico do português do Brasil, a questão da norma lexical regional sempre representou e ainda

representa um desafio para os estudiosos da área. Esse fato é justificado, segundo Isquierdo (2006),

pela própria diversidade lexical que caracteriza a variante brasileira da língua portuguesa, diversidade essa decorrente da história social que individualiza as diferentes regiões do Brasil em termos de processos de ocupação e povoamento, de formação étnica da população e de características socioambientais que singularizam os diferentes espaços geográficos. (ISQUERDO, 2006, p. 10).

Em face disso, as variantes lexicais podem ser tomadas como exemplos de processos de mudança linguística em que, mais claramente, pode-se observar a relação entre língua, história e cultura de uma sociedade. Conforme afirma Faraco (2005), ao se estudar o léxico utilizado por um grupo social, é possível detectar influências socioculturais adquiridas durante o seu processo de formação, uma vez que esse nível da língua resulta, de um modo geral, do que a língua recebeu ao longo do tempo, por meio das relações do homem com o meio em que vive.

Sobre as variáveis sociais, isto é, os agentes externos que atuam sobre os fenômenos de conservação, adoção e inovação linguística, Silva-Corvalán (1989) afirma que “a idade, o sexo e o nível de educação, a etnia do indivíduo, os aspectos históricos e a situação imediata que rodeia a interação”<sup>3</sup> (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1, tradução nossa) são fatores inerentes às línguas e repercutem no comportamento dos falantes.

Ainda no que concerne às variáveis sociais, Labov (2008) destaca que:

algumas variáveis são temas abertos para comentários sociais e mostram tanto correção quanto hipercorreção (estereótipos); outras não mostram o mesmo alto nível de consciência social, mas apresentam estratificação estilística e social consistente (marcadores); e a outras nunca se comentam ou se quer são reconhecidas pelos falantes nativos, porém se diferenciam só nos graus relativos de avanço entre os grupos sociais que as iniciaram (indicadores). Em estudos anteriores, estes tipos se correlacionavam com etapas cronológicas, sendo os estereótipos os mais velhos e os indicadores os mais jovens. (LABOV, 2008, p. 144-145).

Neste sentido, Moreno Fernández (1998) ainda registra que as atitudes linguísticas também se constituem de mais três elementos colocados no mesmo nível: o

---

<sup>3</sup> “la edad, el sexo y el nivel de educación, la etnia del individuo, los aspectos históricos y la situación inmediata que rodea la interacción” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1).

saber ou a crença (saber cognoscitivo), a valoração (saber afetivo) e a conduta (saber conotativo), o que significa dizer que a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, afetos, conhecimentos e tendências a comportar-se de determinada forma diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística.

Souza e Almeida (2011), afirmam que “a língua acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete, de certo modo, os padrões de comportamento que variam em função do tempo e do espaço” (SOUZA; ALMEIDA, 2011, p. 2), mostrando que existe, segundo Calvet (2002), “um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes, principalmente por parte dos mais conservadores, para com a sua língua, as suas variedades e para com aqueles que as utilizam”. (CALVET, 2002, p.65).

No que concerne à preservação de determinadas variantes pelos falantes mais conservadores, Faraco (2005) explica que, em geral, as formas lexicais de “origem” de uma comunidade linguística acabam caindo em desuso pelos grupos mais jovens, pelo fato de que, em situações de mudança, os elementos linguísticos inovadores geralmente ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas do que na fala das gerações mais novas.

Nesta perspectiva, uma das hipóteses desta pesquisa configura-se em torno do princípio de que as variantes lexicais dos grupos de origem, que colonizaram a região na década de 1960 (catarinenses e gaúchos), possam estar registradas na fala das gerações mais velhas e menos escolarizadas, enquanto as formas inovadoras possam estar registradas na fala das gerações mais novas.

Os diferentes movimentos de povoamento da região culminaram, de acordo com Busse (2010), na transferência, na troca e na adoção de elementos da cultura e da língua dos diferentes grupos que aqui se reuniram. A chegada desses grupos e a sua inserção nas comunidades ocorreu em diferentes fases e com diferentes objetivos: (i) na década de 1960, os primeiros colonizadores, originários de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, iniciaram o povoamento das localidades, com o objetivo de formar núcleos culturais; (ii) nas décadas de 1970 e 1980, grupos advindos de diferentes regiões do Paraná, do sudeste e nordeste do Brasil migraram para a região para trabalhar como operários, na construção da Hidrelétrica de Itaipu, nas lavouras e na prestação de serviços.

A formação histórica do Oeste do Paraná – colonização dos sulistas, na década de 1960, e de outros grupos, a partir da década de 1970 - juntamente com as suas

características geográficas podem, portanto, ser apontadas como responsáveis por esse polimorfismo linguístico da região e das comunidades.

Esse polimorfismo linguístico se deve, em geral, ao fato de que “ A língua é variável e se manifesta de modo variável”<sup>4</sup> (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.17, tradução nossa), culminando para um dos aspectos que a Sociolinguística preconiza em suas pesquisas: o estudo da língua em seu contexto social e a explicação da inter-relação entre a variabilidade linguística e os fatores sociais, que influenciam diretamente nas atitudes e escolhas linguísticas dos falantes.

Deste modo, realizaremos, neste trabalho, um estudo da variação lexical, considerando que “o léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem em sua trajetória histórica” (ISQUERDO, 2009, p. 43). Nesta perspectiva, as migrações do homem se configuram também em migrações de palavras, daí a importância de estudar a variação linguística do ponto de vista diatópico, isto é, da distribuição geográfica das variantes, que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzem a realidade sociocultural do grupo.

A língua, em especial no nível lexical, sofre influências do ambiente, que individualiza os grupos no que tange ao aspectos culturais e sociais. Estes contextos particulares justificam, segundo Isquierdo (2009), a presença de regionalismos na língua que atuam como elementos definidores da identidade do falante.

### **Varição e mudança linguística**

A teoria da variação linguística considera a língua em seu contexto sociocultural buscando identificar, não só a realização das variantes de uma língua, mas também dos fenômenos que aparecem nos processos de mudança, isto é, nas formas inovadoras adotadas em uma comunidade de fala que convivem com as já existentes.

Segundo Busse (2010), as descrições das formas que se mantêm e das formas novas de uma língua expressam uma realidade orientada pela relação entre os contextos internos e externos, que, por sua vez, revelam aspectos da história, da organização social e da cultura da comunidade em questão.

---

<sup>4</sup> “la lengua es variable y se manifiesta de modo variable” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.17).

Assim, convém salientar a importância de reconhecer a língua como um fenômeno essencialmente social, como uma realidade heterogênea e como um conjunto de diferentes variedades, o que possibilita fazer emergir as variações linguísticas. Nesse sentido, Busse (2010) destaca que “as investigações sobre a variação linguística podem encontrar nos condicionadores internos e externos da língua uma explicação para o funcionamento do sistema, sem, com isso, cair num reducionismo descritivista”. (BUSSE, 2010, p. 44).

Os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são, segundo Mollica (2003), “em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro para fora”. (MOLLICA, 2003, p. 11). Deste modo, os fatores atuantes encontram-se classificados em dois conjuntos: o conjunto das variáveis internas, que dizem respeito às características da língua em várias dimensões (fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais) e o conjunto das variáveis externas à língua, fatores inerentes ao indivíduo, a traços próprios dos falantes (etnia e sexo); os propriamente sociais (escolarização, profissão, classe social) e os contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva), que se referem a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala.

A fala, juntamente com todos esses fatores que podem influenciar na sua realização, coloca-se como uma atividade que busca selecionar as ações do falante, uma vez que este tende a agir de acordo com o seu lugar no grupo e do lugar do grupo na sociedade. Dessa maneira, a fala configura-se como uma realidade dinâmica que absorve o comportamento do falante e dos grupos, refletindo o contato mantido entre eles, a cultura e a história da sociedade.

Assim, a mudança linguística “segue seu curso orientado pelas condições sociais da comunidade de fala. Os rumos que a inovação tomará e os caminhos que percorrerá dependerão das condições de encaixamento da mudança na comunidade de fala” (BUSSE, 2010, p. 43).

Investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, detectar quais variáveis têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento são, segundo Mollica (2003), algumas das atribuições dadas à Sociolinguística.

Considerando-se tanto a sua abrangência quanto o seu objeto de estudo, Mollica (2003) define a Sociolinguística como:

uma subárea da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter linguístico. (MOLLICA, 2003, p.9).

Em sua fase inicial, a Sociolinguística tinha como função apenas descrever as diferentes variedades que coexistiam dentro de uma comunidade de fala, relacionando-as com as estruturas sociais. Porém, com o tempo, os campos de investigação ampliaram-se e, conforme ressalta Monteiro (2000), “as funções e os usos da linguagem na sociedade, o domínio da língua, as atitudes e julgamentos das comunidades de fala acerca de sua(s) língua(s), a planificação e a normatização” (MONTEIRO, 2000, p. 26), também passaram a ser áreas de interesse da Sociolinguística

A estudiosa Silva-Corvalán (1989) conceitua a Sociolinguística como uma disciplina independente, com uma metodologia própria que

estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade linguística, sua inter-relação com os fatores sociais e o papel que essa variabilidade desempenha nos processos de mudança linguística. (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Tendo em vista a explicitação da autora, é necessário entender que a língua registra a variabilidade linguística em dois eixos: diastrático (correlatas às instâncias sociais) e diatópico (correlatas ao espaço geográfico), propiciando à Sociolinguística o estudo da variação nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical e pragmático, a partir dos seus condicionamentos sociais, isto é, dos aspectos sociais que atuam sobre os fenômenos da variação.

O comportamento dos condicionadores constitui-se em fatores que influenciam na escolha das variantes. Dos possíveis fatores externos, os que mais se encontram em evidência são, segundo Monteiro (2000), o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região ou zona de residência e a origem do falante.

---

<sup>5</sup> “estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística y su interrelación con los factores sociales y del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1)



Neste sentido, Mollica (2003) ainda acrescenta que em uma sociedade tão complexa como a constituída pelos falantes do português brasileiro, ainda é possível pensar em diversos indicadores sociais, seja de exclusão ou inclusão, estabilidade ou mobilidade social, que influenciam no ato da fala: a origem social, a renda, o acesso a bens materiais e culturais são alguns deles, assim como o tipo de ocupação e o grau de inserção em redes sociais, entre outros.

As investigações sociolinguísticas têm permitido constatar que as variáveis sociais, atuam de um modo específico em cada comunidade. Por este motivo é que Moreno Fernández (1998) explica que

as investigações devem sempre ser precedidas de uma análise sociológica da comunidade e de estudos exploratórios que permitam comprovar quais são as variáveis realmente importantes na estrutura social e quais são as que previsivelmente podem influenciar mais no uso social da língua (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 34, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Para esse autor, os fatores sociais que geralmente mostram uma maior capacidade de influência sobre a variação linguística são sexo, faixa etária, nível de instrução e classe social.

Com relação à variável social “sexo”, Moreno Fernández (1998) esclarece que pesquisas Sociolinguísticas descrevem uma série de feitos de singular importância relativos ao sexo dos falantes, como o fato de que

a mulher, geralmente, é mais sensível às normas prestigiosas que os homens; dito de outra forma, as mulheres mostram uma atitude mais positiva que os homens para os usos que se ajustam a norma, enquanto que os homens costumam fazer uso dos chamados “vernáculos” e das variedades locais com mais intensidade que as mulheres (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37, tradução nossa)<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> “las investigaciones deben siempre ir precedidas de un análisis sociológico de la comunidad y de estudios exploratorios que permitan comprobar cuáles son las variables realmente importantes en la estructura social y cuáles son las que previsiblemente pueden influir más en el uso social de la lengua” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 34).

<sup>7</sup> “la mujer, generalmente, es más sensible a las normas prestigiosas que los hombres; dicho de otra forma, las mujeres muestran una actitud más positiva que los hombres hacia los usos que se ajustan a la norma, a la vez que los hombres suelen ceñir sus usos a los llamados “vernáculos” y a las variedades locales con más intensidad que las mujeres” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 37).

Neste sentido, Mollica (2003) afirma que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, pois apresentam o que se pode denominar “uma maior consciência do *status* social das formas linguísticas” (MOLLICA, 2003, p. 35). A autora ainda esclarece que, quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança, no entanto, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma postura conservadora e os homens tomam a liderança do processo. De um modo geral, as diferenças entre a fala dos homens e das mulheres são mais salientes nos grupos sociais intermediários (normalmente classe média) do que nos grupos extremos (classe baixa e classe alta).

Já a variável social “idade” é, de acordo com Moreno Fernández (1998), um dos fatores sociais que com mais força e clareza pode determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala. Em outras palavras, é possível dizer que a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade que outros fatores, também importantes, como o sexo e a classe social, pelo fato de que, segundo o autor, “a idade é um fator constante que não se vê alterado por mudanças socioeconômicas, de atitudes ou de organização” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 40, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Assim, conforme o tempo passa, a idade do falante pode determinar e modificar as características e os hábitos dos indivíduos, inclusive os comunicativos e os puramente linguísticos, agindo como um indicador de que ele pertence a um grupo geracional determinado, pois, assim como certas atitudes, modos de diversão, formas de se vestir, arrumar o cabelo e outros mais, demonstram a qual geração se pertence, existem usos linguísticos que também são considerados próprios de certos grupos de idade e que acabam “convertendo-se em autênticos símbolos geracionais que vão se renovando conforme chegam as novas gerações” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.44, tradução nossa)<sup>9</sup>.

No que concerne à variável nível social, “nível de instrução” ou “escolaridade”, Mollica (2003) afirma que uma observação do dia a dia certifica que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam. Por outro lado, constata-se que ela atua na preservação de formas de prestígio diante dos processos de mudança em curso nas comunidades.

---

<sup>8</sup> “la edad es un factor constante que no se ve alterado por cambios socioeconómicos, de actitudes o de organización” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 40).

<sup>9</sup> “Convirtiéndose en auténticos símbolos generacionales y que se van renovando conforme llegan las nuevas generaciones” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 44).

Deste modo, a escola é responsável por inculcar gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade do bem falar e escrever e, por esse motivo, compreende-se a influência desta variável como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança. Portanto, segundo Busse (2010), “a escolaridade pode orientar o comportamento do falante para adotar ou resistir às mudanças linguísticas, reconhecendo as formas prestigiadas ou não socialmente” (BUSSE, 2010, p. 50).

Em suma, princípios da Sociolinguística orientam a análise sobre a distribuição sociocultural das variantes lexicais, considerando como as variáveis sociais podem influenciar nas escolhas linguísticas e quais os fenômenos de manutenção e adoção que se dão por meio da interferência de agentes externos ao sistema linguístico como idade, escolaridade, sexo, classe social, etc.

O espaço geográfico evidencia, segundo Cardoso (2010), “a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra” (CARDOSO, 2010, p. 15). Assim, por meio da geografia linguística, os estudos dialetológicos descrevem a fala, buscando resgatar a história das línguas de modo a confirmar que os fenômenos linguísticos da variação não se restringem apenas ao funcionamento interno da língua, mas que os fatores externos, inclusive os geográficos, atuam de forma determinante no comportamento das variedades linguísticas, permitindo recriar, a partir do atual estado da língua, as fases das palavras muitas vezes esquecidas pelo tempo, no espaço.

Num país como o nosso, em que a ampla extensão territorial é enriquecida pela diversidade de condições geográficas, a caracterização de regiões culturais constitui um ponto de partida fundamental para entender o pluralismo cultural. Diégues Júnior (1960) afirma que com o passar do tempo é que surgiu a necessidade de encarar a história não apenas em seu conjunto, mas considerando suas particularidades regionais, sugerindo assim, um estudo da nossa história a partir dos grupos regionais.

Tomando como referência os diferentes processos de colonização e de povoamento ocorridos na história do Brasil, as atividades econômicas que se destacavam nas várias regiões em diferentes momentos da sua história, Diégues Júnior (1960) estabelece dez regiões culturais para o Brasil: *Nordeste agrário do litoral, mediterrâneo pastoril, Amazônia, mineração, centro oeste, extremo sul pastoril, colonização estrangeira, café, cacau e sal.*

Essa classificação de áreas culturais procurou traçar, de acordo com Isquierdo (2006), um perfil da formação do povo brasileiro, atrelado a condicionantes históricos que interferiram e, de certa forma, determinaram o perfil do homem e da sociedade brasileira. Para a autora esses fatores

vão desde a formação agrária do Nordeste açucareiro, com a marcante presença das etnias indígenas e africana, a expansão da atividade pastoril do Nordeste até o Centro-Oeste e as atividades extrativistas na Amazônia; a mineração que gerou a iniciativa das bandeiras e o movimento bandeirante responsável pela ocupação do interior do Brasil que, motivado pela saga dos mamelucos paulistas em busca de pedras preciosas e de ouro e de caça aos índios, gerou a ocupação do Mato Grosso, as minas goianas, os arraiais; a colonização do extremo-sul do Brasil, marcada pela disputa de territórios, pela ação das missões jesuíticas, pela ocupação do litoral por açorianos e a chegada de levas de migrantes europeus que marcaram a colonização da região, além da figura do gaúcho e do papel das instâncias na sociedade sulista (ISQUERDO, 2006, p. 11).

As áreas culturais apontadas individualizam-se, portanto, por marcas étnicas, históricas, geográficas e linguísticas, o que permite, ainda de acordo com a autora, “delimitar áreas dialetais que evidenciam características dos diferentes *falares* que convivem em um determinado território” (ISQUERDO, 2006, p12).

Diégues Júnior (1960) apresenta as regiões culturais como “espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de ideias, de sentimentos, de estilos de vida a um grupo populacional” (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p. 7), ou seja, áreas dialetais, que se constituem em objeto de estudo da dialetologia.

O fato de que “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15) faz com que esta área se torne

a ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização, excluindo da denominação conotações extra-linguísticas, que oscilam entre o politicamente depreciativo e o culturalmente hierarquizante (CARDOSO, 2006, p. 100).

A autora ainda esclarece que “se as diferenças espaciais ganham destaque é porque as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos linguísticos assumem expressões mais nítidas e mais perceptíveis nos espaços físicos” (CARDOSO, 2006, p. 100). Neste sentido, reconhece-se na Dialectologia uma série de fatores ecológicos e/ou geográficos que podem funcionar como barreiras ou vias de comunicação, como, por exemplo, rios, cadeias montanhosas, regiões áridas, zonas de campo e de floresta que, por sua vez, facilitam ou dificultam a difusão de variantes por bloquear o povoamento e a migração dos falantes.

### **O léxico e a história da língua**

Ao nomear elementos de uma realidade, o falante utiliza unidades lexicais que refletem a visão de mundo, as características étnicas e o ambiente físico e social de sua comunidade. Isso porque, de acordo com Sorba e Isquierdo (2009), “o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representam o patrimônio sociocultural de uma comunidade” (SORBA; ISQUERDO, 2006, s/p).

Nesta perspectiva, Romano e Isquierdo (2007) explicam que o léxico caracteriza-se como um conjunto de palavras criadas e assimiladas pelo homem no decorrer da história, sendo influenciado pela interação entre ele e o seu meio. Em face disso, o homem constrói o léxico de sua língua e o utiliza para interagir com a sociedade, pois, conforme afirma Sá (2011),

ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim usa a língua como retrato de seu tempo, atuando, inclusive, como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara (SÁ, 2011, p. 245).

O acervo lexical utilizado pelos falantes para interagir com o mundo os define e os identificam, tendo em vista que, como já dito anteriormente, cada indivíduo imprime as suas características na língua, e isso ocorre devido a diferentes fatores como ambiente, cultura, sexo, idade, profissão, escolaridade, etc., o que propicia o fenômeno da variação linguística.

Dessa forma, o léxico é, dentre os níveis da língua, um dos mais afetados por influências externas, haja vista que, “como o tesouro vocabular de uma língua, ele

perpetua a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais, sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social” (SÁ, 2011, p. 245).

Uma das maneiras de registrar o léxico regional de uma língua é por meio de pesquisas geolinguísticas que documentam a distribuição das variantes linguísticas de uma língua em diferentes espaços geográficos. Esse procedimento metodológico – aplicado à elaboração de atlas linguísticos – permite, segundo Sorba e Isquierdo (2006), o registro confiável da variação diatópica de unidades lexicais utilizadas por falantes de diferentes territórios, descrevendo as variações a que uma língua está sujeita e demonstrando as variantes semântico-lexicais que uma forma linguística pode evidenciar.

Dentre os acervos de registro lexical, o dicionário é considerado “a mais prototípica das obras lexicográficas, pois consiste na instância formal de legitimação/oficialização do léxico de um idioma na medida em que assume a missão de catalogar o conjunto de palavras de uma língua” (KRIEGER, 2010, p. 136). A autora ainda assevera que a presença de um dicionário numa determinada cultura representa uma construção histórica, fruto de uma reflexão sobre a língua e orientada para a conservação da memória de experiências de sentido valiosas para a comunidade linguística inteira.

Faz-se necessário ressaltar, portanto, que as unidades lexicais de uma língua se configuram como uma rica fonte de pesquisa, pois, por meio do seu estudo, detectam-se particularidades sociais, históricas e culturais de determinada comunidade linguística, pelo fato de que uma das características principais do léxico é justamente a sua dinamicidade e variabilidade, não só no tempo, mas também no espaço geográfico e nos diversos extratos sociais.

Destacamos, assim, a necessidade de sempre levar em consideração os fatores socioculturais do léxico, porque eles podem influenciar na disseminação e na conseqüente fixação de itens lexicais em certas regiões, em detrimento de outras, haja vista que a presença e a manutenção de determinadas variantes lexicais em alguns espaços geográficos encontram explicação no sistema de povoamento e de colonização ali operados.

Em síntese, a Lexicologia procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o conjunto de unidades lexicais de um idioma, bem como o

seu uso em determinadas comunidades linguísticas, tornando possível assim, observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade de falantes, assemelhando-se, dessa maneira, a uma das propostas deste trabalho.

### **Considerações Finais**

Abordamos aqui a descrição e análise do fenômeno da variação linguística, mais especificamente da variação lexical, a partir dos dados coletados no Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994), no Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil/ALERS (ALTENHOFEN; KLASSMANN, 2011) e no Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná (BUSSE, 2010).

Os dados selecionados para a pesquisa apontaram, de certa forma, para um entrelaçamento entre as dimensões diageracional, diassexual e diastrática, atestando o fenômeno da conservação linguística entre os falantes do sexo feminino, com destaque para a primeira geração. Os dados apresentados no interior das variáveis sociais (sexo e faixa etária) encontram-se condicionados à realidade de ocupação das terras dessa região, considerando que os espaços físicos se constituíram a partir dos movimentos de migração dos grupos que aqui se reuniram, os quais foram determinando, e até hoje determinam, o aparecimento de variantes, principalmente inovadoras, que normalmente são incorporadas com mais facilidade pelos falantes do sexo masculino, da segunda geração. Além disso, ressaltamos que essas marchas colonizadoras também influenciaram diretamente nos fenômenos de conservação, transição e inovação das variantes linguísticas registradas na fala das localidades.

A descrição do registro das variantes e a identificação dos fenômenos de manutenção e inovação na fala da região Oeste do Paraná foi realizada levando-se em consideração a formação histórico-cultural das localidades, as mudanças que os municípios sofreram com o crescimento social e econômico, a construção da hidrelétrica de Itaipu e o desenvolvimento do comércio na fronteira, tendo em vista que esses diferentes momentos da história estão totalmente relacionados à fala do povo pertencente a essa região.

Nos dicionários consultados foi possível identificar algumas variantes e as informações referentes ao seu perfil regional ou diatópico. As informações sobre a origem da palavra e sua evolução ao longo do tempo, as abonações, usos e acepções contribuem para que possamos delinear, no limite dos dados aqui descritos, os movimentos de manutenção, inovação e adoção linguística na região Oeste.

Embora algumas considerações possam parecer prematuras, os dados confirmam, porém, os princípios da dialetologia pluridimensional, de que a descrição das variantes nas diferentes dimensões leva a uma avaliação em que os espaços geográficos e sociais se entrecruzam, delineando a dinamicidade da fala.

Na região Oeste do Paraná, com o encontro de diferentes grupos, falares e culturas, é possível reconhecer um movimento dos fenômenos de conservação e inovação linguística que aponta para a sobreposição de variáveis culturais e econômicas. Se, no início dos anos noventa, conforme registram os atlas consultados, as variantes revelavam uma atitude mais conservadora com relação às variantes presentes na fala dos grupos sulistas, estudos realizados cerca de duas décadas mais tarde já indicam a adoção de formas inovadoras presentes na fala dos grupos que chegaram às localidades recentemente, atraídos, principalmente, pelo desenvolvimento econômico.

Em última instância ressaltamos que há uma flutuação no registro das variantes determinada pela: (i) distribuição geográfica, nos pontos mais isolados e pontos que colocam como polos econômicos e turísticos; (ii) pelos estratos sociais, enquanto a geração mais velha é mais conservadora e mantém na fala elementos dos grupos sulistas. A geração mais nova e as mulheres estão na dianteira no registro das formas inovadoras principalmente aquelas legitimadas pela escola e pela língua escrita.

## **Referências**

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná/ALPR**. São Paulo: Assis, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mario Silfredo. **ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed., 2011.

BUSSE, Sanimar. **Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2010.



CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolingüística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: INEP, 1960.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil**. *Alfa*. São Paulo, v.50, n.2, p. 9-24, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri, BARROS, Lídia Almeida (orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume V. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2010.

LABOV, William. **Principios del Cambio Lingüístico**. Volumen 1: Factores Internos. Madrid: Gredos, 1994.

\_\_\_\_\_. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In.: \_\_\_\_\_; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 09-14, 2003.

\_\_\_\_\_. Relevância das variáveis não linguísticas. In: \_\_\_\_\_; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 27-31, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROMANO, Valter Pereira ; ISQUERDO, Aparecida Negri . Um estudo rural vs urbano na fala do homem urbano: perspectiva geolingüística. In: **V Encontro Científico do Curso de Letras - O Desafio das Letras**, 2007, Rolândia. Anais do V Encontro do Curso de Letras, 2007.

SÁ, Edmilson José de Sá. **O léxico na região Nordeste**: questões diatópicas. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 26/08/2012

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística**: teoría y análisis. Alhambra: Alhambra Universidad, 1989.

SORBA, Juliana Cristina Donini; ISQUERDO, Aparecida Negri. Designações para papagaio de papel: um estudo geolingüístico.. In: **IV Encontro Científico do Curso de Letras** - Anais do IV Encontro Científico do Curso de Letras - O desafio das letras. Rolândia - PR: FACCAR, 2006.

SOUZA, Fabiana Ferreira; ALMEIDA, Miguel. A variedade linguística dentro da sociedade campo-grandense no âmbito do mercado municipal e feira central de campo grande. **Web-revista Sociodialeto**. Vol. 1, N° 5. UEMS/Campo Grande. 2011. Disponível em: [www.sociodialeto.com.br/edicoes/10/13122011123123.pdf](http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/10/13122011123123.pdf). Acesso em: 16/09/2012.